

## A GRAFIA DA NASALIDADE PÓS-VOCÁLICA EM TEXTOS DE ESCRITA INICIAL

GUSTAVO GABRIEL COELHO<sup>1</sup>; NATHALIA VITÓRIA REINEHR<sup>2</sup>; LORENZO STEINHORST RICHETTI<sup>3</sup>; ANA RUTH MORESCO MIRANDA<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - [gcoelho.letras@gmail.com](mailto:gcoelho.letras@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - [nathaliavreinehr@gmail.com](mailto:nathaliavreinehr@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - [lorenzo.richetti@gmail.com](mailto:lorenzo.richetti@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) - [anaruthmmiranda@gmail.com](mailto:anaruthmmiranda@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca descrever a grafia da nasalidade do Português Brasileiro (PB) em textos espontâneos de crianças em fase de aquisição da escrita e analisar quais são as hipóteses utilizadas por elas no momento de grafar as nasais em posição pós-vocálica. Os textos utilizados nesta pesquisa fazem parte do acervo do BATALE (Banco de Textos sobre Aquisição da Linguagem Escrita), criado em 2001 que contém textos espontâneos e ditados de crianças em fase de alfabetização.

O presente trabalho está vinculado às pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O grupo tem seu foco nos erros (orto)gráficos e possui como objetivo apontar a natureza dos erros considerando dois sistemas: o *fonológico* e o *ortográfico*. Posteriormente, o sistema *fonográfico* passou a ser considerado para dar conta dos erros que não são motivados pela ortografia e tampouco pela fonologia. A criança, que desde muito cedo recebe o input da escrita, por viver em uma sociedade grafocêntrica, traz para a escola seu léxico oral e seu léxico ortográfico, este ainda em nível embrionário. É na escola que ela passa a ser provocada a revisar o conhecimento linguístico implícito, trazendo-o para um nível explícito, reformulando assim suas primeiras hipóteses sobre a escrita e incrementando seu léxico ortográfico. É, principalmente, no seu conhecimento fonológico já adquirido que a criança busca subsídios para suas hipóteses alfabéticas sobre essa nova manifestação linguística, a escrita.

Na língua portuguesa (PB), a nasalidade pós-vocálica é representada na ortografia pelas consoantes <m> e <n> e também pode ser marcada a partir do uso do diacrítico til acima da vogal alvo da nasalidade, portanto, percebe-se que há diversos modos de registrar um único fenômeno que tem sido tema de discussões no âmbito dos estudos fonológicos, como em CÂMARA JR. (1970, 1995, 1977), BISOL (1998, 2002, 2013), MATEUS E ANDRADE (2000), entre outros.

CÂMARA JR. [1970] (1995), define a nasalidade fonológica como derivação da sequência VN (vogal + nasal), presente em palavras como *canto* e *manta*, que contrastam com *cato* e *mata*. BISOL (2002) aponta dois tipos de nasalidade fonológica: uma lexical e outra pós-lexical. A nasalidade lexical gera o ditongo nasal, como em *pão*. Já a nasalidade pós-lexical origina a vogal nasal por assimilação dos traços da consoante /N/, com o traço nasal associando-se à rima da sílaba e espreado-se para os outros segmentos.

Com base nos estudos sobre nasalidade, o presente trabalho busca observar e analisar como a nasalidade é grafada, em posição medial e final, por crianças em processo de aquisição da linguagem escrita, quais hipóteses são utilizadas por elas no momento da grafia da nasalidade pós-vocálica (<m> e <n> e o diacrítico til).

## 2. METODOLOGIA

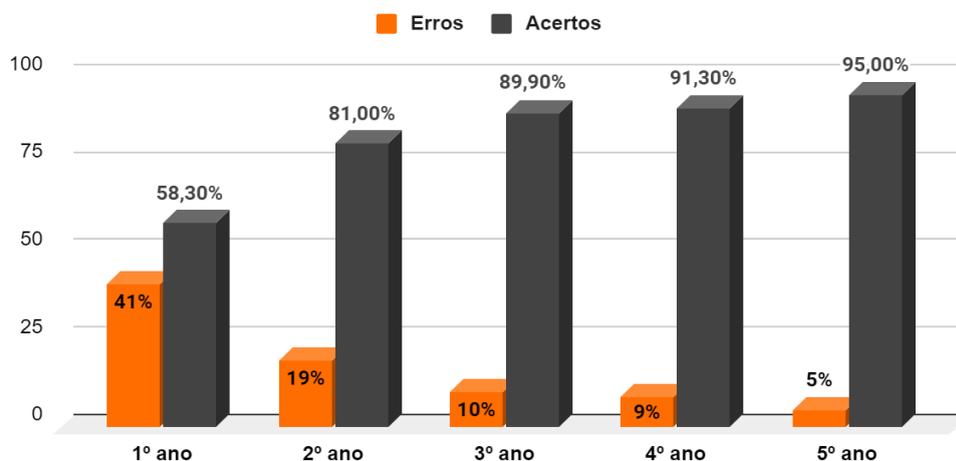
A pesquisa foi realizada a partir do acervo de textos do BATALE, o Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita, que faz parte do GEALE. O banco contém mais de 7 mil textos espontâneos e ditados produzidos por crianças em fase de alfabetização no Brasil, em Portugal e em Moçambique, sendo eles distribuídos em 9 estratos. Além dos textos das crianças, o BATALE também conta com textos de alunos brasileiros do EJA. Na presente pesquisa foi utilizado o estrato 7 do Banco, que possui textos espontâneos de alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de três escolas públicas de Pelotas/RS. O estrato conta com textos coletados entre os anos de 2013 e 2015, porém, serão apenas utilizados os textos do último ano de coleta.

As variáveis consideradas para a pesquisa são: i) acertos e erros; ii) tipo de erro; iii) ano escolar. Os erros (orto)gráficos serão divididos de acordo com as categorias estabelecidas por MIRANDA (2020), sendo eles erros de natureza ortográfica, fonológica e fonográfica. Os erros ortográficos decorrem da não observância de regras relativas às relações assimétricas entre fonemas e grafemas, as quais no caso da nasalidade se definem com base no contexto. No que se diz respeito aos erros fonológicos, pode-se observar complicações segmentais e prosódicas, geralmente relacionadas a algum tipo de complexidade fonológica e/ou motivadas pela fala. Por fim, os erros fonográficos não estão relacionados a complicações ortográficas e/ou fonológicas pois abordam traçado, sequenciamento, omissão e inserção de letras relacionados ao processamento fonema-grafema.

## 3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

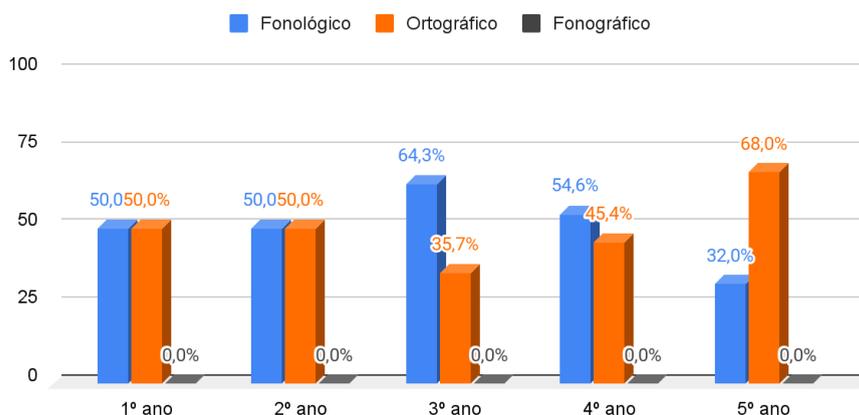
Após analisar 252 textos, foram encontradas 1.723 ocorrências de palavras com contexto para a nasalidade pós-vocálica, sendo 1.574 (91,2%) ocorrências grafadas de forma correta e 149 (8,8%) ocorrências com erros (orto)gráficos, os quais foram distribuídos por ano escolar e classificados de acordo com MIRANDA (2020). Estes dados são apresentados nos gráficos 1 e 2:

Gráfico 1: Erros e acertos na grafia da nasalidade por ano escolar:



Nesse primeiro gráfico temos uma visão em porcentagem dos erros e acertos encontrados nos textos das crianças. A diminuição dos erros a partir do avanço escolar já era esperado, assim como a contabilidade de acertos sempre maior que as ocorrências em que se encontra o erro.

Gráfico 2: Erros por ano escolar conforme categorias de MIRANDA (2020):



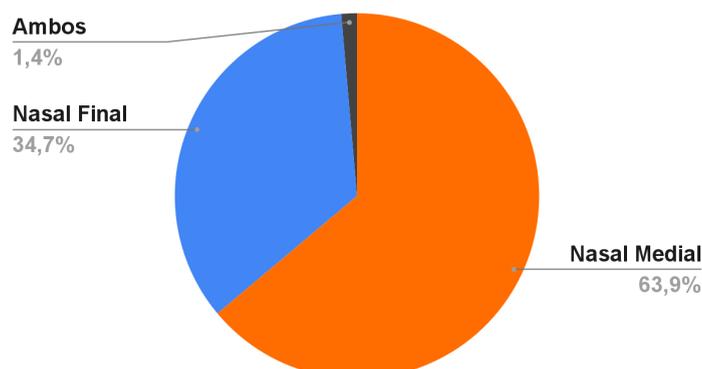
O gráfico 2 evidencia de um modo simplificado que os erros com motivação fonológica e ortográfica, principalmente entre o 1º e 4º anos, são bem equilibrados e, quando se diferem, a maior porcentagem é referente aos erros de motivação fonológica. Já no 5º ano as crianças conseguem ter um controle maior sobre a motivação fonológica e seus erros passam a ser motivados majoritariamente pela ortografia. Como exemplos de erros mais recorrentes na escrita das crianças temos as palavras *'também'* e *'muito'*. Na grafia da primeira palavra foram encontradas dados como *'tanbém'*, exemplo de erro motivado pela ortografia, e *'tabem'*, erro motivado pela fonologia.

Já a grafia da palavra *'muito'* demonstra instabilidade e as crianças grafam esse vocábulo de diversas formas para marcar a nasalidade que não está presente na forma ortográfica, como exemplo temos as grafias *'muinto'* e *'muto'*. A palavra em especial possui uma dificuldade ainda maior devido à própria organização do sistema ortográfico que não exige a marca gráfica da nasal na escrita, apesar da palavra ser pronunciada com uma nasalidade pós-vocálica.

Durante a análise dos dados também foi encontrado um número considerável de dados com hipossegmentação, nos quais as crianças, inclusive, respeitam a regra ortográfica, como em *'contubarões'* para *'com tubarões'*. Em dados como este, é possível perceber que a criança possui conhecimento sobre as regras de ortografia em torno da nasalidade grafada por <m> e <n>, mas ainda não tem bem definida a palavra gráfica, pois incorpora o clítico à palavra lexical.

A seguir, no Gráfico 3 são apresentados os resultados relativos à posição na palavra, medial ou final.

Gráfico 3: Erros na grafia da nasalidade de acordo com sua posição:



O gráfico 3 mostra que a maior incidência de erros está relacionada à posição medial, grande parte grafada com a consoante <n> no caso dos erros do tipo ortográfico. Em alguns dados onde existem ambas ocorrências de nasalidade, ou seja, nasal em posição pós-vocálica medial e final como 'em *também*', as crianças tendem a grafar a posição final de forma convencional, mas grafam a nasal em posição medial, com <n> ou ainda com grafias alternativas que omitem a nasal.

A pesquisa também aponta um número considerável de dados com apagamento do diacrítico 'til'. Segundo ABAURRE [1988] (2011), essa ocorrência pode ser interpretada como fato da criança compreender a nasalidade em questão pertencente a vogal e não ao diacrítico, ou seja, ela não compreende completamente que aquela grafia depende da regra do uso do 'til' para registrar a nasalidade.

#### 4. CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos nesta pesquisa foi possível observar que a dificuldade das crianças ao grafar a nasalidade pós-vocálica do português brasileiro corresponde majoritariamente à nasalidade medial e, que são, em sua maioria, erros motivados pela fonologia com maior incidência nos quatro primeiros anos. A pesquisa também aponta que a motivação fonológica estabiliza-se de acordo com o avanço escolar, sendo mais frequentes no 5º ano os erros de motivação ortográfica.

A partir destes primeiros resultados quantitativos pretende-se dar sequência a investigação trazendo análises qualitativas. Esta pesquisa faz parte de estudos desenvolvidos pelo GEALE e vai ao encontro de resultados obtidos a partir da análise de outros estratos do BATALE. Os resultados desse trabalho se assemelham às conclusões encontradas por ÁVILA E MIRANDA (2022), que dão conta da grafia da nasalidade em textos do EJA.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M. A relação entre a escrita espontânea e representações linguísticas adjacentes. **Verba Volant**, 2011.
- ÁVILA, M. M.; MIRANDA, A. R. M. Grafia da nasalidade vocálica por estudantes do EJA. In: XXIV Encontro de Pós-Graduação UFPel, 2022, Pelotas. **Linguística, Letras e Artes**, 2022.
- ÁVILA, M. M. **A escrita inicial de crianças brasileiras, moçambicanas e portuguesas: um estudo sobre a representação da nasalidade fonológica**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. **D.E.L.T.A.**, 1998.
- BISOL, L. A redução dos ditongos nasais átonos. **Fonologia e variação**, 2022.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- LAZZAROTTO-VOLCÃO, C.; FREITAS, M. J. (Orgs.). **ESTUDOS EM FONÉTICA E FONOLOGIA: coletânea em homenagem a Carmen Matzenauer**. Editora CRV, 2018.
- MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros orto(gráficos) produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educ. rev.**, 2020.